

Português seguiu rãs-arco-íris via rádio em Madagascar

Biologia. Foi a primeira vez que se estudaram anfíbios com esta técnica na região, o que permitiu traçar um esboço inicial da dinâmica populacional desta espécie ameaçada, que é comercializada como animal de estimação. Estudo mostra necessidade de maior controlo

FILOMENA NAVES

A utilização de emissores de rádio para seguir o rasto a animais é prática comum dos biólogos. Seguem-se os lobos numa região onde a sua dinâmica é mal conhecida, ou os grandes mamíferos marinhos, baleias e tartarugas gigantes, para desvendar as suas rotas migratórias. Aqui, a dimensão dos animais conta: os mais pequenos complicam a tarefa dos cientistas. Foi exatamente essa a experiência do jovem biólogo português Gonçalo M. Rosa em Madagascar, onde estudou um pequeno anfíbio, de apenas dois centímetros, a rã-arco-íris (*Scaphiophryne gottliebii*), usando transmissores de rádio diminutos, de poucos milímetros, presos à barriga dos animais. Esta foi a primeira vez que se estudaram assim os anfíbios naquele paraíso de biodiversidade e as conclusões, sublinha Gonçalo Rosa, apontam para a necessidade de medidas de controlo mais apertado na região para que a rã-arco-íris não deixe um dia de colorir a paisagem local.

A rã-arco-íris é um dos mais de 300 anfíbios endémicos de Madagascar e, tal como acontece com a maioria, é muito mal conhecido na sua biologia e dinâmica populacional. Sabe-se, por exemplo, que as suas populações na região centro-sul do país, na área protegida de Isalo, são muito uniformes do ponto de vista genético. Mas isso parecia até paradoxal, já que a espécie parece viver apenas em pequenas bolsas isoladas ao longo de maciço de *canyons* que atravessa toda a região.

“As populações são tanto mais uniformes geneticamente quanto maior fluxo de indivíduos há entre elas, e por isso esta uniformidade parecia um contrassenso. A nossa ideia foi perceber o enigma”, explicou ao DN o investigador do Centro de Biologia Ambiental da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e também da Universidade de Kent, no Reino Unido.

O segredo passou por estar lá na altura certa, ou seja, durante a época de reprodução da espécie, cujo pico se concentra em três dias de outubro, no início da época das chuvas. Entre outubro e dezembro de 2009 e depois, entre janeiro e o fim de fevereiro de 2011, a equipa conseguiu seguir o rasto a um total de 36 indivíduos da espécie graças aos

pequenos rádios que, com muita perícia, colocaram nos animais. Conclusão: estas rãs deslocam-se muito pouco (a maioria apenas alguns centímetros) no seu território, o que significa que a origem da uniformidade genética terá de estar noutro lado. “Pensamos agora que isso tem a ver com os girinos, que são levados através de todo o maciço pelas enxurradas na época das chuvas”, conclui Gonçalo Rosa.

PERFIL

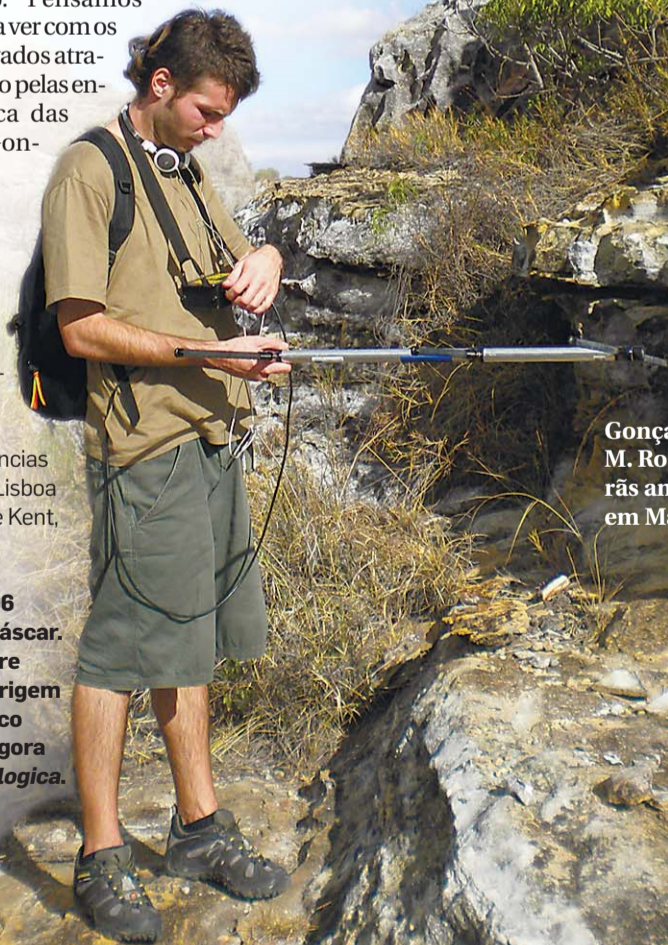
GONÇALO M. ROSA

► Biólogo e investigador do Centro de Biologia Ambiental da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e da Universidade de Kent, no Reino Unido

► Tem 29 anos

► **Estuda desde 2006 anfíbios em Madagascar. A investigação sobre a rã-arco-íris deu origem a um artigo científico que foi publicado agora na revista *Herpetologica*.**

O estudo sobre reprodução desta espécie vai continuar para a realizar em cativeiro.



Gonçalo M. Rosa estudou rãs ameaçadas em Madagascar

